

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT17.025

# OS IMPACTOS E AS CONTRIBUIÇÕES DA COMUNICAÇÃO DIALÓGICA E DA AFETIVIDADE NA PROMOÇÃO DA DISCIPLINA ESCOLAR

Análya Cristina Leite Cortez do Carmo<sup>1</sup>

Antonia Eliana de Lima Viana<sup>2</sup>

Michella Rita Santos Fonseca<sup>3</sup>

Daniel Brandão Menezes<sup>4</sup>

## RESUMO

A indisciplina é considerada como um dos maiores problemas enfrentados pelas escolas. A disciplina escolar, por sua vez, é fundamental para um ambiente de aprendizado produtivo e harmonioso. Nesse contexto, estabelecer uma relação que promova o diálogo, a empatia e o respeito é necessário para consolidar uma cultura de paz no ambiente educativo. Este estudo parte da necessidade em compreender as dinâmicas educacionais no contexto brasileiro, onde relações interpessoais calorosas e comunicação aberta são aspectos culturais significativos que podem afetar na educação. Apesar da importância reconhecida da comunicação e afetividade, há uma lacuna no entendimento de como esses fatores se traduzem em práticas disciplinares efetivas nas escolas, o que conduz, ao problema desse estudo: Como a comunicação dialógica e a afetividade entre docentes e estudantes podem ser efetivamente integradas para melhorar o comportamento e o engajamento dos estudantes? Assim, objetiva investigar como a comunicação dialógica influencia no relacionamento entre docentes e estudantes e sua correlação com a afetividade

1 Mestra em Inovação em Tecnologias Educacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [analyacortez2015@gmail.com](mailto:analyacortez2015@gmail.com);

2 Mestranda em Tecnologia Educacional pela Universidade Federal do Ceará - UFC, [elianalv12@gmail.com](mailto:elianalv12@gmail.com);

3 Doutoranda em Ensino pela Universidade Federal do Ceará - UFC, [michellafonseca@yahoo.com.br](mailto:michellafonseca@yahoo.com.br);

4 Doutor em Ensino da Universidade Estadual do Ceará - UECE, [brandao.menezes@uece.br](mailto:brandao.menezes@uece.br).

para melhoria da disciplina escolar. Para atingir o objetivo proposto, este estudo está ancorado em uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória de natureza bibliográfica, que utilizou a técnica de análise de conteúdo para apresentar os dados coletados acerca da indisciplina na escola, das contribuições da afetividade para a disciplina, bem como da comunicação dialógica para o engajamento dos estudantes. Os resultados apontam que a afetividade e o diálogo entre docente e estudante implicam na melhoria do clima escolar contribuindo para a disciplina, motivação e interesse.

**Palavras-chave:** Afetividade, Comunicação dialógica, Autoestima, Relações interpessoais, Indisciplina escolar.

## INTRODUÇÃO

A disciplina constitui-se fundamental para a educação, à medida que promove um ambiente propício a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos sujeitos. Entretanto, ela apresenta-se como uma das maiores queixas relativas ao trabalho em sala de aula, sendo tema recorrente nas discussões dentro das instituições de ensino.

A indisciplina afeta diretamente a qualidade do processo de ensino e aprendizagem configurando-se como um dos desafios enfrentados pelas escolas para cumprir seu projeto educativo (Silva e Santos, 2023). Devido à complexidade do tema e suas inúmeras manifestações, muitas estratégias adotadas pelas escolas têm falhado. Tal fato, muitas vezes está ligado a maneira autoritária com que a escola vem tratando o assunto através de ações punitivas que pouco ou nada contribuem para reflexão dos sujeitos a respeito dos seus atos.

Na atualidade, a questão da disciplina está muito ligada as relações de respeito e confiança mútua no ato de educar e instruir. Dito isto, a educação é um processo de humanização e a escola constitui-se como um espaço, por excelência, para fortalecimento dessa prática. Salienta-se a importância das relações humanas para o estreitamento de vínculos entre a comunidade escolar e construção de laços de amizade, respeito e afetividade. Este cenário, favorece a disciplina escolar, que é basilar para um ambiente de aprendizado produtivo levando a instituição a melhores resultados educacionais.

Apesar da importância reconhecida da comunicação e afetividade, há uma lacuna no entendimento de como esses fatores se traduzem em práticas disciplinares efetivas nas escolas brasileiras. O problema que este estudo busca resolver é: Como a comunicação dialógica e a afetividade entre docentes e estudantes podem ser efetivamente integradas para melhorar o comportamento e o engajamento dos estudantes?

Assim, a pesquisa se justifica pela necessidade de compreender melhor essas dinâmicas no contexto brasileiro, onde relações interpessoais calorosas e comunicação dialógica são aspectos culturais significativos que podem afetar positivamente a educação. Para tanto, temos como objetivo geral investigar como a comunicação dialógica influencia no relacionamento entre docentes e estudantes e sua correlação com a afetividade para melhoria da disciplina escolar. Desmembrou-se o objetivo geral em dois objetivos específicos a saber: analisar o papel da afetividade no desenvolvimento de um ambiente de apren-

dizagem acolhedor e seu efeito na redução de comportamentos indisciplinados, bem como avaliar estratégias pedagógicas que integram comunicação dialógica e afetividade para fortalecer a disciplina e o engajamento dos estudantes.

Para solucionar o problema em questão e atingir os objetivos elencados, este estudo está ancorado em uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória de natureza bibliográfica, que utilizou a técnica de análise de conteúdo para analisar os dados coletados. (Marconi; Lakatos, 1999).

Esta pesquisa estrutura-se da seguinte maneira: nesta primeira parte realiza-se a introdução sobre a temática destacando-se a justificativa, objetivos e metodologia do estudo; na segunda parte reflete-se sobre a indisciplina na escola apontando as perspectivas atuais da educação, bem como o entendimento da indisciplina no contexto escolar; na terceira parte dialoga-se sobre a afetividade e suas contribuições para a disciplina dos estudantes; na quarta parte reflete-se sobre a comunicação dialógica para o engajamento estudantil; na quinta parte, discute-se os achados da pesquisa; e por fim, apresenta-se as considerações finais e as referências utilizadas.

## 1 A INDISCIPLINA NA ESCOLA

Historicamente, as constituições promulgadas no Brasil, inclusive a atual, formalizada em 1988, proclamam que a educação é um direito de todos e dever do Estado (Brasil, 1988). No ano de 1990 o Brasil avançou no que diz respeito aos direitos das infâncias e juventudes do país com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei N° 8.069, de 13 de julho de 1990) que veio fortalecer a constituição federal assegurando os direitos desses sujeitos em desenvolvimento. Referente especificamente a questão educacional, o ECA apresenta que:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes:  
I – **igualdade de condições para o acesso e permanência na escola** [...] (BRASIL, 1990, Art. 53º, grifo nosso).

Na mesma perspectiva, a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 Institui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Em seu artigo 2º reafirma o dever do Estado e explicita o dever da família para com essa educação. Porém,

ainda há muito a ser feito para que todos tenham esse direito garantido. (Brasil, 1996).

Um fato considerado pelos educadores como um dos maiores obstáculos para a garantia do direito de aprendizagem é a indisciplina presente no cotidiano das instituições escolares. Suas causas são multifacetadas e suas consequências comprometem as aprendizagens, a organização da rotina escolar e traz consigo a desmotivação dos estudantes e profissionais da educação. Entender suas causas e atuar de forma preventiva é um desafio que precisa ser atenuado a partir de uma educação de caráter preventivo e que reconheça os estudantes como sujeitos de direitos e conscientes dos seus deveres.

## 1.1 PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO

Na contemporaneidade, práticas de ensino pautadas em uma visão tradicional, na qual o professor é o detentor do saber e os estudantes tidos como meros reprodutores dos conhecimentos transmitidos pelos educadores, tornaram-se insuficientes e inadequadas para atender aos desafios da educação atual. Com o avanço tecnológico e a transformação social esse modelo educacional, que desconsidera os conhecimentos prévios dos sujeitos aprendizes advindos de experiências construídas nas suas próprias relações familiares e sociais, não promove uma educação crítica e autônoma dos estudantes, nem sua formação integral.

Freire (1996) faz críticas severas a essa visão tradicional de ensino e aprendizagem. O autor defende o abandono desta educação na qual chamou de “educação bancária”, onde o estudante é visto como um depósito vazio que precisa ser preenchido com conhecimentos selecionados exclusivamente a partir dos interesses do professor. Ao criticar esse modelo educacional, o autor propõe uma educação libertadora, problematizadora e conscientizadora.

Ao partilhar do pensamento de Freire (1996), entende-se que a escola precisa cristalizar formas obsoletas de educar, haja vista que a aprendizagem contemporânea demanda uma abordagem mais ativa e colaborativa, na qual o estudante é o protagonista do próprio processo de aprendizagem, não mais sendo visto como um depósito vazio, mas como um ser pensante que possui experiências, saberes e capacidade de construir conhecimento de forma crítica e autônoma. Nesse processo, o papel do professor se transforma de transmis-

sor do conhecimento para mediador das aprendizagens social e historicamente construídas.

Essa mudança de paradigma reflete uma postura mais dialógica e democrática da educação, em que o conhecimento é lapidado de forma coletiva, contextualizada e significativa. A valorização das experiências e das vozes dos sujeitos aprendizes contribui para uma educação mais inclusiva e formativa. Neste contexto, é urgente discutir-se o papel da escola no século XXI e do professor como formador de sujeitos críticos e reflexivo, para que essa instituição formativa e seus docentes possam, de fato, contribuir para as aprendizagens contínuas dos estudantes. Como afirma Libâneo (2013, p. 24), “[...] é necessário repensar o papel da escola e do professor, para que possam atender às demandas da sociedade atual”. Portanto, a superação dessa visão tradicional não é apenas uma tendência teórica, mas uma necessidade prática.

Dito isto, é igualmente necessário refletir sobre o processo de aprendizagem. Compreender como os sujeitos aprendem é fundamental para que a escola possa construir seu projeto educativo e planejar sua mediação pedagógica de forma eficaz contribuindo para a ampliação dos conhecimentos prévios dos estudantes. Assim, ao entender o modo como os sujeitos constroem seu conhecimento, o ensino torna-se mais dinâmico e personalizado contribuindo para uma aprendizagem mais significativa.

O conceito de Aprendizagem Significativa é central da teoria da aprendizagem de David Ausubel, no qual teve seus primeiros escritos sobre o tema publicado em 1963. Segundo a interpretação de Moreira (2019), com base nas ideias de Ausubel, o processo de armazenamento de informações no cérebro humano se dá de forma organizada e hierárquica, no qual conceitos mais específicos se conectam a conceitos mais inclusivos ocorrendo uma assimilação gradual do conhecimento. Nesta vertente Moreira (1999) afirma que:

Todo conhecimento é uma construção que vai sendo elaborada desde a infância, por meio de interações do sujeito com os objetos que procura conhecer, sejam eles do mundo físico ou do mundo cultural. O conhecimento resulta de uma inter-relação do sujeito que conhece com objeto a ser conhecido. (Moreira, 1999, p.75).

Dessa forma, ignorar essa perspectiva de como os sujeitos aprendem, pautando a prática pedagógica em uma pedagogia tradicional, pode acarretar problemas, como a indisciplina escolar. Tal postura, comum nas instituições educativas, precisa ser discutida com seriedade a partir de múltiplos olhares para

que a intervenção possa ser assertiva. Assim, faz-se necessário refletir sobre as posturas dos estudantes em sala de aula, a fim de provocar uma mudança de atitude em relação a determinados comportamentos socialmente inadequados no contexto escolar.

## 1.2 O DIFÍCIL ENTENDIMENTO DA INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

Um dos grandes desafios enfrentados por educadores e gestores educacionais é sem dúvida a indisciplina escolar. Cada vez mais presente nas instituições de ensino, tem causado diversos conflitos na relação entre professores e estudantes, influenciando negativamente a homônima do clima escolar e o desempenho discente.

Mas afinal, o que é indisciplina? Para entender esse conceito, se faz necessário conceituar primeiro a disciplina. Para tal, recorreu-se à dois dicionários na língua portuguesa, a fim de extrair a informação de obras de referência da nossa língua materna. De acordo com o Novo Aurélio - século XXI:

Disciplina [do latim disciplina] s.f. 1- Regime de ordem imposta ou livremente consentida; 2- Ordem que convém ao funcionamento regular duma organização (militar escolar etc.); 3-Relação de subordinação do aluno ao mestre ou instrutor; 4- Observância de preceitos ou normas; 5- Submissão a um regulamento. (Ferreira, 1999, p. 689).

Em outro dicionário a disciplina é definida como: [...] 2. Procedimento conveniente ou ordem requerida para um bom funcionamento de uma organização. 3. Regra; método. 4. Submissão a um regulamento. Luft (2001, p. 247). As definições apresentadas por Ferreira (1999) e Luft (2001) convergem ao destacar a disciplina como um conjunto de normas e ordens necessárias para o funcionamento adequado de uma organização. Assim, enquanto a disciplina é conceituada pelas palavras: regras, normas, ordem, regulamento etc., a indisciplina define-se como bagunça, falta de controle, desobediência, etc. (Ribeiro; Souza, 2016).

Dessa maneira, o termo indisciplina está relacionado à quebra de regras, desordem, falta de seguimento a preceitos (Azambuja; Lima, 2016) . Para efeito deste estudo, entende-se por indisciplina todo e qualquer comportamento que atrapalhe o processo de ensino e de aprendizagem. Assim, quando os estudantes

praticam atitudes como: atrasos constantes na escola ou nas aulas, desrespeito aos colegas e professores, recusa na realização das atividades propostas e/ou no cumprimento de regras, uso inadequado de dispositivos eletrônicos etc. estão agindo na contramão da disciplina escolar.

Nesse contexto, a indisciplina pode ser compreendida como a ausência do cumprimento de regras fundamentais para uma convivência social harmoniosa (Freire, 2022). Na escola, ela apresenta-se como um “comportamento em sala de aula que, conforme relatam muitos professores, perturbam e afetam de forma prejudicial o ambiente de aprendizagem” (Pirola, 2009, p. 21). Corroborando com essa visão, La Taille (2005, p. 21) argumenta que a indisciplina é entendida como “toda ação moral executada pelo sujeito e que está em desacordo com as leis impostas ou construídas coletivamente, tendo o indisciplinado consciência ou não deste processo de elaboração”. Ao analisar a indisciplina sob diversos olhares teóricos, evidencia-se que os autores destacam a indisciplina como um problema central no ambiente escolar com implicações diretas para as relações interpessoais e o processo de aprendizagem.

De acordo com Estrela (1992) os prejuízos advindos da indisciplina recaem inicialmente para o professor que se ver desestimulado devido ao desperdício do tempo pedagógico e da desordem que se instala no ambiente. A autora ainda reforça o desgaste na relação professor-estudante proveniente dos comportamentos inadequados na sala de aula. Outro fator preocupante é quando a indisciplina se transforma em violência escolar agravando os conflitos na comunidade educativa.

Nesse contexto, é preciso encontrar caminhos para superar a indisciplina escolar, para que o direito de aprendizagem dos estudantes seja assegurado. Oliveira e Soares (2019, p. 5), corrobora com este pensamento ao explicar que nos últimos anos, “a indisciplina vem se tornando um desafio extremamente crescente [...], gerando no espaço escolar uma aprendizagem insatisfatória”. Essa afirmação reflete a realidade que muitos educadores têm vivenciado nos últimos anos.

Assim, para que a indisciplina não se instaure na sala de aula, está deve ser um ambiente acolhedor e inclusivo. Na visão de Silva e Santos (2023) para que a aprendizagem aconteça, a sala de aula precisa ser um espaço de motivação, no qual o estudante deseje estar ali participando das atividades e discussões propostas pelo professor. Entretanto, quando a indisciplina ganha espaço na sala de aula a aprendizagem fica comprometida e a escola deixa de cumprir seu



papel formativo. A respeito deste ponto de vista Oliveira e Soares (2019, p. 9) também argumentam a respeito dos prejuízos causados pela indisciplina para os professores:

[...] a indisciplina na sala de aula causa desperdício de tempo, desgaste dos professores por trabalharem em clima de desordem, pela perda do sentido e da eficácia e a diminuição da autoestima pessoal que leva sentimento de frustração, desânimo e ao desejo de abandono da profissão.

Ao refletir sobre a citação supracitada, posturas de indisciplina corroboram para o adoecimento do estado emocional do professor, bem como contribui para outras inúmeras consequências negativas no ambiente escolar. Ademais, sabe-se que sanar o problema da indisciplina é uma tarefa árdua e não deve ser pensado apenas pelo professor. Silva e Santos (2023) afirmam que o enfrentamento da indisciplina escolar é um problema coletivo que envolve além dos professores, a gestão escolar, coordenação, pessoal de apoio, famílias, dentro outros envolvidos no processo educativo. Assim, esse problema precisa ser olhado por várias frentes exigindo uma constante reflexão para que possa ser sanado.

Vale salientar que a indisciplina sempre existiu e sempre irá existir. No entanto, compreender as raízes do problema da indisciplina dos estudantes e saber agir diante das situações nas quais ela se manifesta é primordial. Assim, é preciso saber lidar com esse fenômeno social adotando práticas que favoreçam o diálogo, por meio da escuta ativa e empática, para construção de um ambiente escolar mais equitativo e colaborativo, no qual as regras e limites sejam compreendidos e respeitados por todos os envolvidos no processo educativo.

Por conseguinte, nos tópicos a seguir serão apresentados alguns caminhos a serem seguidos pela escola, objetivando o enfrentamento da indisciplina em seu contexto. A princípio, pretende-se analisar o papel da afetividade no desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem acolhedor e seu efeito na redução de comportamentos indisciplinados. Em seguida, avalia-se as contribuições da comunicação dialógica para engajamento dos estudantes.

## **2 AFETIVIDADE E COMUNICAÇÃO DIALÓGICA: CONTRIBUIÇÕES PARA A DISCIPLINA DOS ESTUDANTES**

A relação professor-estudante sofreu inúmeras transformações ao longo da história da humanidade e que em cada um desses períodos, ela expressava

a concepção pedagógica da época. Na perspectiva contemporânea de educação, essa relação é vista como uma relação de respeito mútuo, na qual prevalece o diálogo, a afetividade e as trocas de conhecimentos favorecendo com que essas interações exercem uma influência direta na formação do indivíduo, moldando suas ações e seu desenvolvimento pessoal. (Meneses; *et al*, 2020).

Essa visão contemporânea reflete um modelo de educação integral e centrado no estudante, buscando adaptar o processo de ensino às necessidades, interesses e ritmos de aprendizagem individual. O professor deixa de ser visto como um sujeito autoritário e detentor de todo o saber, e passa a ser um mediador e facilitador das aprendizagens discentes. Nesse prisma, a relação professor-estudante constitui-se uma relação horizontal e colaborativa, propícia para a disciplina escolar. Entretanto, se não for dada a devida atenção a essa relação de reciprocidade e respeito, muitas das ações propostas no ambiente escolar tendem a fracassar e a indisciplina pode se sobressair nesse contexto.

No entanto, Parrat-Dayan (2009) explica que a indisciplina pode ser uma forma de comunicação, onde o aluno expressa necessidades ou dificuldades subjacentes que vão muito além do simples desejo de desobediência. Nesse contexto, é preciso entender a causa da indisciplina para que se possa buscar caminhos para sua solução, uma vez que todo problema possui uma causa que precisa ser diagnosticada, para uma melhor resolução.

Dito isto, não é mais aceitável que a escola se preocupe apenas com conteúdos curriculares. A preocupação com o bem-estar coletivo deve fazer parte da proposta formativa das escolas que buscam a qualidade e equidade educacional, e possuem como principal missão a formação integral dos estudantes para atuarem como cidadãos ativos e colaborativos na sociedade.

Neste contexto, a afetividade e a comunicação dialógica constituem-se como elementos prioritários na construção de um ambiente de aprendizagem acolhedor reduzindo significativamente a indisciplina escolar. Ao se tratar de ser humano, o afeto se constrói no respeito, nas trocas comunicativas e na liberdade, (Parolin, 2024). Nesse sentido, segundo Parolin (2024, p. 22) a escola deve ser um “[...] território de todos, com todos e para todos: eu te ouço, eu te vejo e por isso eu te respeito”. Dessa forma, o respeito, o diálogo e a afetividade se tornam o carro chefe existentes no espaço escolar para o estabelecimento de vínculos e relações saudáveis.

A inexistência da afetividade torna a escola um campo fértil para o desenvolvimento da indisciplina e outros fenômenos que afetam o comportamento e

a aprendizagem dos estudantes. Assim, investir em relações de afeto e confiança torna o clima escolar empático e acolhedor, impactando diretamente no processo cognitivo dos aprendizes. Na compreensão de Aquino (1996, p. 50),

[...] a saída possível está no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e principalmente na maneira com que nos posicionamos perante o nosso outro complementar. Afinal de contas, o lugar de professor é imediatamente relativo ao de alunos e vice-versa. Vale lembrar que, guardadas as especificidades das atribuições de agente e clientela, ambos são parceiros de um mesmo jogo. E nosso rival é a ignorância, a pouca perplexidade e o conformismo diante do mundo.

Na fala de Aquino (1996) a relação interpessoal entre professor e aluno é muito importante, uma vez que essa dinâmica é fundamental para o aprendizado e o crescimento mútuo. O autor também ressalta a necessidade de um ambiente educativo acolhedor e colaborativo, onde os vínculos emocionais e a empatia sejam valorizados.

Assim, para o engajamento dos estudantes no ambiente escolar é preciso pensar em estratégias de enfrentamento da indisciplina tendo como base a afetividade, empatia e o diálogo, uma vez que esses são os pilares para se alcançar a disciplina e o engajamento dos estudantes no contexto escolar. Esses procedimentos devem ser explicitados por meio das práticas pedagógicas e das ações administrativas expressadas nos documentos que regulamentam a organização escolar, nos quais cita-se o Projeto Político Pedagógico (PPP), o Regulamento Interno, dentre outros documentos construídos coletivamente pela instituição educativa.

Sobre esse olhar, reconhece-se que punir os estudantes não é uma solução eficaz. A punição pode parar o comportamento indisciplinado no momento, entretanto, é preciso que a escola se preocupe com a raiz do problema para evitar que os atos indisciplinados voltem a ocorrer. As punições também contribuem para a quebra e/ou não construção de vínculos afetivos e de confiança entre os estudantes e professores.

Sendo assim, é fundamental a afetividade, mediada pelo diálogo, na relação educativa. Freire (1996) ressalta que não existe educação sem amor. Dessa forma, é preciso que o diálogo e a afetividade estejam presentes na sala de aula, uma vez que ao serem tratados com respeito e humanidade, os estudantes sentem-se mais motivados para aprender, ou seja, essas práticas humanistas

contribuem para o desenvolvimento cognitivo e ampliação dos conhecimentos prévios dos sujeitos aprendizes.

Nesse contexto, para que a aprendizagem se torne realmente eficaz, é fundamental considerar a interseção entre emoções e práticas pedagógicas. De acordo com Xavier e Lima (2023, p.10) “para que haja uma aprendizagem significativa e eficaz, faz-se necessário a ocorrência de uma boa combinação entre afeto, planejamento e prática docente”. Assim, a conduta da escola e dos professores deve ser de acolher esse estudante tentando entender as causas do problema e buscar soluções para amenizá-lo.

Somando-se a este fato, os autores supracitados trazem a importância do planejamento como instrumento que subsidia a prática docente conduzindo a organização metodológica do conteúdo Xavier e Lima (2023). A falta de um planejamento com atividades diversificadas e motivadoras, que leve em conta a realidade dos estudantes, pode ser um fator determinante para posturas de indisciplina na sala de aula.

Nesse contexto, o planejamento deve ser pautado nas necessidades formativas dos sujeitos e valer-se de metodologias que favoreçam o protagonismo estudantil, fazendo com que os estudantes se sintam motivados e pertencentes ao espaço formativo no qual estão inseridos. Assim, quando o planejamento tem como ponto de partida as necessidades formativas dos estudantes, contribui também para a disciplina em sala de aula, viabilizando meios para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem.

Outro ponto relevante se refere ao diálogo entre a escola e a família. Dessa forma, é preciso que se ampliem os canais de comunicação entre as duas instituições cabendo a escola trazer as famílias para ajudá-la no seu projeto educativo. Quando a escola se dispõe a dialogar com a comunidade local, colaborando na construção do processo educativo, torna-se mais fácil implementar ações efetivas, já que os desafios podem ser compreendidos e debatidos a partir de uma análise mais abrangente do contexto e das diferentes perspectivas envolvidas (Carmo, 2023). Nesse prisma, as trocas comunicativas precisam respeitar e valorizar as vozes dos seres comunicantes, não sendo considerada dialógica uma comunicação unilateral.

A respeito da comunicação Freire (1983, p. 70) corrobora que

[...] a comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua coparticipação no ato de compreender a

significação do significado. Esta é uma comunicação que se faz criticamente.

Frente ao exposto, a escola e as famílias precisam dialogar para se conscientizarem sobre as dimensões que o problema da indisciplina pode causar, buscando meios para seu enfrentamento para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma satisfatória buscando a formação integral dos sujeitos aprendizes.

Vale salientar que a educação é um processo humano e relacional, e que a verdadeira transformação começa na qualidade dessas interações. Dessa forma, é preciso fortalecer os vínculos entre os pares educativos, por meio da afetividade e comunicação dialógica, para que a indisciplina não ganhe espaço nos ambientes escolares e sociais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões realizadas nesse estudo destacam que a educação é um direito assegurado pela Constituição e reforçado por legislações como o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB para garantir que a educação atinja a todas as crianças e adolescentes, o que demonstra o compromisso do Estado e da sociedade com a proteção dos direitos e desenvolvimento integral desses sujeitos. No entanto, a implementação efetiva das leis requer uma integração entre políticas educacionais, professores, familiares e sociedade em geral, haja vista que todos esses atores sociais são corresponsáveis no processo educativo.

Diante desse fato, os estudos mostram que embora o Brasil tenha avançado em relação a promoção de leis que garantem os direitos educacionais das crianças e adolescentes, muitos ainda são os desafios práticos para efetivação desses direitos. As pesquisas indicam que a indisciplina escolar é um dos principais obstáculos identificados para a efetivação dos direitos das crianças e adolescentes garantidos na constituição brasileira. De acordo com Silva e Santos (2023) a indisciplina prejudica a harmonia do ambiente de aprendizagem desmotivando professores e estudantes. Suas causas são multifacetadas e exigem análises cuidadosas e direcionadas, de acordo com cada caso, para que a atuação no combate a esse problema seja efetiva.

Para enfrentar os desafios da indisciplina, os resultados apontam que é preciso investir em práticas educativas preventivas, que reconheçam os estudantes como sujeitos de direito, críticos, reflexivos e protagonistas na construção do conhecimento. Promover a conscientização dos estudantes sobre seus direitos e deveres também contribui para um clima escolar mais harmonioso e menos propenso para conflitos. Essa visão irá contribuir na promoção de um ambiente educacional mais respeitoso e colaborativo, no qual o diálogo e a afetividade estejam presentes no processo de ensino e aprendizagem.

Quando a indisciplina já está instalada no ambiente educativo é preciso encontrar a gênese do problema que, como a abordado anteriormente, pode ter como raízes diversos fatores, como questões emocionais, dificuldades de aprendizagem, falta de motivação, questões sociais, conflitos familiares, dentre outros. Dessa forma, percebe-se que a indisciplina expressa pelos estudantes na escola pode ter fatores internos ou externos a ela, e muitas vezes é uma forma dele externar sentimentos de frustração, inadequação ou falta de pertencimento ao ambiente escolar.

Além de discutir as causas e buscar soluções para a indisciplina, é preciso formar os professores para seu enfrentamento oferecendo uma formação continuada que parta das necessidades da escola e dos docentes ampliando o diálogo no contexto escolar e contribuindo para que a equipe esteja preparada para ajudar os estudantes a desenvolverem suas habilidades de como lidar com as emoções, resolver conflitos e se comunicar de forma saudável. A formação continuada de professores é fundamental para se debater a respeito das questões de indisciplina e desenvolver práticas que promovam um ambiente saudável, no qual prevaleça o respeito e se efetive, de fato, o fortalecimento das aprendizagens (Scalzer; et al, 2024)

Em suma, é preciso compreender que o maior prejuízo da indisciplina fica para os estudantes que tem seu aprendizado comprometido. Segundo Oliveira e Soares (2019, p. 9),

De forma geral, a principal consequência da indisciplina é o ensino aprendizagem, o processo de desenvolvimento das crianças fica comprometido, sendo assim a escola juntamente com a família tem que trabalhar juntas para minimizar este problema.

Somente assim, unindo-se forças, engajando a comunidade escolar e a sociedade em um diálogo contínuo e investindo na afetividade, será possível

garantir que as leis sejam cumpridas e que todos, e cada estudante, sintam-se valorizado e motivado para aprender, proporcionando uma educação de qualidade para todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como questão norteadora o seguinte apontamento: Como a comunicação dialógica e a afetividade entre docentes e estudantes podem ser efetivamente integradas para melhorar o comportamento e o engajamento dos estudantes? Através das constatações evidenciadas cabe-se fazer algumas considerações ao verificar que a comunicação dialógica cria uma cultura de respeito mútuo, empatia e corresponsabilidade nas trocas comunicativas na escola, fatores essenciais para fomento de um ambiente escolar harmonioso e mais disciplinado. Frente aos benefícios advindos da comunicação dialógica, soma-se a identificação precoce de possíveis obstáculos que podem influenciar a disciplina, possibilitando intervenções mais ágeis, eficazes e personalizadas.

A afetividade também possui um papel importante no combate à indisciplina escolar, uma vez que estabelece um ambiente seguro e acolhedor para os estudantes. A criação de vínculos afetivos contribui para uma comunicação mais dialógica fomentando relacionamentos baseados na confiança e empatia, o que tende a reduzir comportamentos desafiadores, favorecendo o sucesso do processo de ensino e aprendizagem.

Frente ao exposto, compreende-se que o papel do professor deve ir muito além da mediação do conteúdo e aplicação de regras disciplinares. É preciso que ele assuma uma postura pedagógica que valoriza o diálogo, a empatia e um entendimento de como os estudantes aprendem, para que possa planejar estratégias de ensino personalizadas para cada estudante, contribuindo para a equidade.

Ao finalizar a discussão, sugere-se que o debate reinicie em outros estudos com pesquisas empíricas, a fim de compreender as principais causas desse problema. As pesquisas futuras também podem colaborar com os profissionais da educação na intervenção ágil e eficaz no combate à indisciplina escolar, problemática que interfere diretamente na qualidade educativa das escolas, constituindo-se como uma das principais causas do fracasso escolar.

## AGRADECIMENTO

Aos membros do Núcleo de Pesquisa em Educação, Tecnologia e Formação Docente da Universidade Estadual do Ceará (UECE), pelo compartilhamento dos conhecimentos que, direta ou indiretamente, ajudaram na construção desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Julio G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.

AZAMBUJA, L. G. P.; LIMA, R. C. D. de S. Indisciplina: o olhar dos educadores. **Pedagogia em foco**, v. 10, n. 4, p. 61-75, 2016.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: Planalto, 1996. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 05 set. 2024.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: **Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

CARMO, A. C. L. C. do. **Uso de tecnologias digitais para fortalecimento da comunicação escola/família numa instituição da rede estadual do Rio Grande do Norte**. Orientador: Cibelle Amorim Martins. 2023. 196f. Dissertação (Mestrado Profissional em Inovação em Tecnologias Educacionais) - Instituto Metrópole Digital, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/52715>.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Portugal: Porto Editora, 1992.

FERREIRA, A.B de H. **Novo dicionário Aurélio – Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; versão Eletrônica: Lexikon, 1999.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



FREIRE, V. F. De S. **O impacto da indisciplina no contexto escolar voltado aos alunos do primeiro ao quinto ano, na escola Municipal Maria das Neves Marques de Sousa em Imperatriz-MA.** 11 abr. 2022. Disponível em: <http://rosario.ufma.br:8080/jspui/handle/123456789/5721>. Acesso em: 5 out. 2024.

LA TAILLE, Y. de. Em busca dos valores morais e éticos. **Revista Direcional Escolas**, ed. 5, jun. 2005. Entrevista concedida a Luiza Oliva.

LIBÂNEO, J. C.. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUFT, P. C. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo. Editora Ática, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MENESES, V. M; SOUZA, S. F. S; BRÁS, A. W. L; PINHEIRO, J. V. A. A influência da afetividade do desenvolvimento de crianças da educação infantil. In: TAHIM, A. P. V de O; FARIAS, J. P. Da SILVA; CABRAL, S. N; CHAYM, C. D. (Org.). **Pensando a educação: reflexões coletivas**. Fortaleza: Imprece, 2020. p. 313 – 343.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

MOREIRA, M. A.. **Teorias de aprendizagem**. 2.ed. São Paulo: E.P.U., 2019.

OLIVEIRA, E. B. de; SOARES, H. C. C. **Indisciplina na educação infantil: causas e consequências**. Revista Científica Online ISSN 1980-6957 v11, n2, 2019.

PARRAT- DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2009

PAROLIN, I. Criando um ambiente escolar humano e saudável: desafios e práticas. In: CHARLOT, B.; PAROLIN, I. FERNANDES, E. P.; VASCONCELLOS, C. Dos S. **Construindo escolas saudáveis e humanas**. Aracaju, SE: Paulo, 2024.

PIROLA, S. M. F. **As marcas da indisciplina na escola: caminhos e descaminhos das práticas pedagógicas**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2009.

RIBEIRO, I. C.; SOUZA, I. A. A. de. **Revista Even. Pedagóg.** Número Regular: Experiências em Educação do Campo: perspectivas e práticas pedagógicas

Sinop, v. 7, n. 3 (20. ed.), p. 1435-1458, ago./dez. 2016. Disponível em: file:///D:/Downloads/dpd,+1435-1458+-+SL+Ismael+Carneiro+Ribeiro+e+Isabela+Augusta+Andrade+de+Souza+.pdf. Acesso em: 12 nov. 2024.

SCALZER, M. J. Da S. C.; FERREIRA, R.C de N.; OLIVEIRA, D. C. De; CRUZ, J. F. Da. A indisciplina no ambiente escolar: possíveis causas, desafios e soluções. **Revista ft**. P. 10-11, 31 ago. 2024. DOI 1069849/revistaft/cs10202408311510. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-indisciplina-no-ambiente-escolar-possiveis-causas-desafios-e-solucoes/>. Acesso em: 01 out. 2024.

SILVA, A. L. N. da; SANTOS, M. P. M. dos. **Indisciplina**: um desafio que a escola precisa superar. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.9.n.10. out. 2023.

XAVIER, G. F. C.; LIMA, A. da S. **A afetividade como ferramenta propulsora da aprendizagem significativa: um diálogo com as práticas docentes**. Anais IX CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editora-realize.com.br/artigo/visualizar/95128>. Acesso em: 29 set. 2024.